

**LEITURAS E ESCRITAS LITERÁRIAS: POESIA, MEMÓRIA, IDENTIDADE E
AUTONOMIA**Nadja Karoliny Lucas de Jesus Almeida¹**RESUMO**

Este trabalho tem como proposta investigar componentes subjetivos e afetivos, sobretudo os que dizem respeito à memória, às lembranças e rememorações (por meio de leituras literárias de poesia), das alunas e dos alunos da EAJA de duas escolas de Educação Básica da Secretaria Municipal de Educação e Esporte de Goiânia (SME). Desenvolvido no período de agosto a dezembro de 2017, é um trabalho que busca promover e respeitar a autonomia dos sujeitos da EAJA por meio do que eles têm para dizer, de suas lembranças, das histórias que os constituem como sujeitos de um lugar, seus lugares subjetivos e efetivos na comunidade escolar, refletindo para a comunidade externa. Para coleta e análise dos dados, decidimos por uma metodologia de pesquisa qualitativa e conceitos de estudo que conversam entre si: o Grupo Focal, os conceitos de estudo da História Cultural e metodologia de pesquisa da História Oral. Os resultados são escritas poéticas e pequenos relatos de si que comprovam que o ensino-aprendizagem por meio da leitura literária, do incentivo à rememoração e da autonomia valorizam as diversas dimensões do indivíduo.

Palavras-chave: Ensino. Memória. Leitura de poesia. Autonomia.

LITERARY READINGS AND WRITINGS: POETRY, MEMORY, IDENTITY AND AUTONOMY**ABSTRACT**

This work aims to investigate subjective and affective components, especially those related to memory, memories and recollections (through literary poetry readings), students and students of the EAJA of two schools of Basic Education of the Municipal Secretary of Education and Sports of Goiânia (SME). Developed from August to December 2017, it is a work that seeks to promote and respect the autonomy of the subjects of the EAJA through what they have to say, their memories, the stories that constitute them as subjects of a place, their places subjective and effective in the school community, reflecting on the external community. To collect and analyze the data, we decided on a qualitative research methodology and study concepts that talk

¹ Professora de Língua Portuguesa da Educação Básica de duas escolas de Educação para Adolescentes, Jovens e Adultos (EAJA) no município de Goiânia. Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica (PPGEEB) do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação da Universidade Federal de Goiás (CEPAE / UFG).

among themselves: the Focus Group, the concepts of Cultural History study and research methodology of Oral History. The results are written poetic and small reports of themselves that prove that teaching-learning through literary reading, encouragement to recall and autonomy value the various dimensions of the individual.

Keywords: Teaching. Memory. Poetry Reading. Autonomy.

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como proposta investigar componentes subjetivos e afetivos, sobretudo os que dizem respeito à memória, às lembranças e memórias (por meio de leituras literárias de poesia), das alunas e dos alunos da Educação de Adolescentes, Jovens e Adultos (EAJA) de duas escolas de Básica da Secretaria de Educação e Esporte de Goiânia. É um trabalho que busca promover e respeitar a autonomia dos sujeitos da EAJA por meio do que eles têm para dizer, de suas lembranças, das histórias que os constituem como sujeitos de um lugar, seus lugares subjetivos e efetivos na comunidade escolar, refletindo para a comunidade externa.

A memória tem valor simbólico, é um campo privilegiado para releituras da vida e identificação consigo mesmo e com o outro. As lembranças trazem à tona o ser, o sujeito que muitas vezes ficou esquecido em algum lugar. As lembranças são expressões de si e de como o mundo (de cada sujeito) podem ser expressos. A forma que encontramos para reativar memórias e lembranças esquecidas foi por meio da leitura literária de poesias. Dessa forma, procuramos trazer também a autonomia que cada sujeito envolvido tem acerca de si e do saber das autonomias, para isso, fizemos uso também do que chamamos aqui de “objetos de memória”, pequenas lembranças em forma de objetos guardados com carinho, com afeto ou com sentimentos de dor que representam os sujeitos que aqui nos falam. As leituras poéticas e as lembranças e tais objetos, lidos e contados em grupo e para o grupo, passam a ter valor simbólico não apenas para seu leitor, mas, para uma coletividade, uma vez que as subjetividades das lembranças e das leituras de alguma forma, e isso percebemos, chegaram a um grupo, a uma coletividade.

Acreditamos que no processo de ensino-aprendizagem, autonomia e educação se

configuram como a disponibilização de elementos para que o sujeito se torne alguém que possa pensar o mundo. O que acontece na educação tradicional/tradicionalista, é que ela está estruturada num dinamismo restrito em que herdamos um conjunto de termos, conceitos e conteúdos que temos que pensar a vida dos alunos. O conteúdo é sim importante, mas na medida em que possamos e ele (conteúdo) possa transmitir conhecimentos em vez de ser apenas assimilado /acumulado.

E pensamos: Quantas vezes, ao longo de dez anos de vida escolar, os alunos praticaram a sociedade e a realidade não conteudista? A escola continua mantendo o mesmo modelo de indivíduos que competem entre si para apenas entrar na lógica do mercado, em que o ideário de felicidade é acumular uma quantidade considerável de objetos, e continuamos, então, baseados em recursos lineares, promovendo a linha de produção e de produção de mão de obra. Ora, onde se inseririam esses alunos e alunas de EAJA senão nesse universo? É nele que estão inseridos, são sujeitos-objetos, muitas vezes mais objetos do que sujeitos de fato.

Numa lógica em que a escola deve ser e é um lugar de debate, de diálogos de proposições e produção de conhecimentos, acreditamos em estudantes/sujeitos que sejam capazes de pensar e compreender e agir criticamente a sociedade e na sociedade. Ainda que tenhamos que enfrentar o abismo que nos deparamos na escola quando o pensar se torna quase desnecessário, o sujeito nesse sentido, também se torna quase desnecessário e o competir, o sujeito/objeto/número na chamada precisa seguir as regras e produzir para o mercado e não para si, isso porque a escola quer e pede respostas imediatas. É a educação como adestramento e não como autonomia. A escola está perdendo a esfera do sujeito, se pensarmos que temos cerca de cinquenta minutos com nossos alunos todos os dias, qual escolha faremos? A de coagi-los ou a de pensar com eles?

O professor mediador no processo de ensino-aprendizagem tem condições de contribuir para que os alunos ajam em suas produções, as palavras autoria e autonomia evocam enunciação e singularidade, o sujeito autor tem a habilidade de promover uma rede com sua função e força enunciativa. Autoria e autonomia têm haver com o “quem se diz”,

“como se diz”, “o que se diz”, “para quem se diz” e “onde se diz”, assim se dá autoria e autonomia o sujeito.

Então refletimos: existe espaço para a autonomia nas escolas? A escola forma sujeitos para compreender o mundo ou forma pessoas rumo às especialidades e objetividades? Nossa grande e importante atuação como professores transcende isso? Nós temos autonomia? Nossos alunos a têm? Em que medida?

E é pensando assim que tratamos dos estudos da memória e da literatura (leituras e escritas poéticas) como mediadores desse processo de autonomia das alunas e dos alunos, primeiro para saberem de si como sujeitos e em seguida apresentarem-se aos outros.

Suas memórias os tornam quem são, sua autonomia está em suas vozes. Seriam elas, então, memórias e vozes, importantes para a formação identitária e de autonomia dos sujeitos? Contar tais memórias também? “O papel do outro ocupa um lugar fundamental no processo de rememoração de nossas práticas culturais.” (GUEDES-PINTO, 2008 p.11).

Fizemos uso de poemas, poesias, prosa poética que nos remeteram passeio ao sabor e ao saber da beleza e da liberdade das palavras, palavras que depois virão por meio de vídeos e apresentações e por meio de escritas poéticas, escritas de si.

Essas rememorações dos educandos, acreditamos, fizeram deles agentes reflexivos que, ao recordar em suas leituras, em suas escritas poéticas e em seus objetos de memória, também reviram suas ações e têm maiores possibilidades de lidar com rupturas e se aproveitar delas, sempre tão presentes no processo educacional. Esses educandos, já não eram meros acumuladores e reprodutores de modelos educacionais existentes, mas, possibilitadores de novas leituras e de novas lembranças.

Paul Ricoeur (2007), afirma:

É preciso dizer primeiro que é a partir de uma análise sutil de uma experiência individual, de pertencer a um grupo e na base do ensino recebido dos outros, que a memória individual toma posse de si mesma. Sendo essa a estratégia escolhida, não é de admirar que o apelo ao testemunho dos outros constitua o tema de abertura. Do papel do testemunho dos outros na recordação da lembrança, passa-se assim, gradativamente aos papéis das lembranças que temos enquanto membros

de um grupo; elas exigem de nós um deslocamento de ponto de vista do qual somos eminentemente capazes. Temos, assim, acesso a acontecimentos reconstruídos para nós. Portanto, é por seu lugar no conjunto que os outros se definem. A sala de aula da escola é, nesse aspecto, um lugar privilegiado de deslocamento de pontos de vista da memória. De modo geral, todo grupo atribui lugares. É desses que se guarda ou se forma memória. (RICOEUR, 2007, p.130-131).

Candido, sociólogo, literato, crítico literário e pesquisador e observador da sociedade e das literaturas brasileira e universal, em sua obra *Vários escritos* (2011, p.186), afirma que: “A preocupação com o que hoje chamamos de direitos humanos, pode dar à literatura uma força insuspeitada. E, reciprocamente, que a literatura pode incutir em cada um de nós o sentimento de urgência de tais problemas (dos direitos humanos)”. Ao verificar a relação da literatura com os direitos humanos, Cândido (2011), apresenta o seguinte:

Primeiro verifiquei que a literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e portanto nos humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade, em segundo lugar, a literatura pode ser um instrumento consciente de desmascaramento, pelo fato de focalizar as situações de restrição dos direitos, ou de negação deles, como a miséria, a servidão, a mutilação espiritual. Tanto num nível quanto no outro ela tem muito a ver com a luta pelos direitos humanos. (CANDIDO, 2011, p.188).

Ao pensarmos no trabalho de rememoração dos alunos e alunas de EAJA acerca de suas memórias de leitura e de sua constituição de sujeito, pensamos também, na constituição dos direitos humanos que nos atesta Candido, e ainda, pensando na constituição de tantas outras identidades, de tantos outros sujeitos, agora os estudantes, mediados por seus professores e tendo, portanto, assegurados seus direitos humanos na medida em que se constituem como sujeitos com lembranças, com histórias e com voz também. É a arte literária que faz do ser humano, humano, a sua leitura e rememoração e os possíveis procedimentos na vida, nas suas escolhas (agora sim de nosso interesse) é que vão configurar os sujeitos dos quais dispomos para a nossa pesquisa.

Ensino e autonomia são formas de valorizar as diversas dimensões do indivíduo,

prevendo o seu desenvolvimento integral. Isso significa encorajar os alunos a lidar com a busca pelo conhecimento, a partir de uma perspectiva pessoal, dos interesses e afinidades de cada um. Motivar os alunos, envolvê-los e fazer com que eles desenvolvam as capacidades de agir, pensar e se posicionar é o objetivo da maior parte dos professores e educadores. Não existe aprendizado, seja ele qual for, por meio de pressão, imposição e tempos determinados. É preciso perceber que cada aluno tem seu tempo de aprendizado e seu ritmo próprio. Mesmo sendo bem complicado manter todas as crianças, ou no nosso caso, jovens e adultos, no mesmo ritmo na sala de aula, o mais importante é deixar de lado um pouco a forma tradicional de transmitir apenas conteúdos. O ideal é pensar em outras formas de educação, fazendo com que os alunos realmente conheçam e aprendam algo e não simplesmente decorem e repitam, o que torna o aprendizado uma coisa chata e amedrontadora.

Os alunos devem desenvolver sua autonomia

Autonomia é a capacidade de se autogovernar, tomar decisões próprias com base na moral, na ética, na filosofia e na política e com os conhecimentos disponíveis à sua volta. Professores e pais ou responsáveis pelas crianças dividem essa responsabilidade, quando já adolescentes, jovens, adultos ou até mesmo idosos, tal responsabilidade fica a cargo deles mesmos. É preciso que tanto as crianças, os adolescentes, jovens, adultos ou idosos, desenvolvam senso crítico próprio para contribuir com o mundo ao seu redor, seja dentro de casa, na instituição de ensino ou fora desses ambientes, e tudo isso de forma colaborativa e positiva.

Na escola, a responsabilidade de direcionar o aprendizado ainda fica muito a cargo dos professores. Mas, para que os estudantes tenham um aprendizado efetivo, os professores devem incentivá-los a buscar autonomia também nesse processo, e dar feedbacks que realmente os ajudem a aprender. Ao pesquisarmos na internet sobre educação e autonomia, encontramos o texto “A construção da autonomia em sala de aula: o desafio da mudança”, no site da Faber Castel (sem autor), que nos diz ser significativo desenvolver nos alunos, a autonomia moral (bem e mal, certo e errado) e

também a autonomia intelectual, que torna os estudantes em pensadores e em pessoas com ações práticas, que usam de sua experiência de vida para encontrar soluções para os problemas. Assim, a autonomia só será alcançada quando o sujeito for capaz de estabelecer atitudes cooperativas, deixando o egocentrismo de lado, além de interagir de forma mais sociável e demonstrar relações, formas e resultados, por meio de conhecimentos próprios e de informações adquiridas, contribuindo para a formação de um adulto mais responsável.

A construção da autonomia em sala de aula é um desafio importante de mudança. Com o interesse de formar alunos autônomos, com capacidade de usar seu senso crítico para contribuir de modo positivo e construtivo dentro da sociedade em que vivem, os professores devem, também, promover e desenvolver sua própria autonomia em sala de aula.

Será que nós professores e formadores de consciência estamos construindo sujeitos curiosos e autônomos, ou estamos dando pouca importância para capacidade de refletir, tanto dos alunos quanto a nossa? É importante desenvolvermos nos alunos tanto a autonomia moral, que refere-se a capacidade de discernimento entre bem e mal, certo e errado, quanto a autonomia intelectual, que desenvolve a capacidade do indivíduo de ter sua própria maneira de pensar, que não necessariamente será igual ao que ensinam a ele.

A Proposta Curricular para o 1º segmento do Ensino Fundamental – MEC (2001) aponta que o início da Educação de Jovens e Adultos (EJA), no Brasil se deu por volta da década de 30, quando a constituição de 1934 coloca a educação como direito de todos e reconhece o acesso à formação do aluno. A proposta para alfabetizar adultos e o pensamento pedagógico de Paulo Freire, inspiraram os principais programas de educação popular que se realizaram no Brasil no início dos anos 60, a primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, lei nº 4.024/61 dizia que o ensino é obrigatoriamente a partir dos sete anos e que só seria ministrado na língua nacional.

De acordo com Silva (2009),

A educação de Jovens e Adultos conquistou seu lugar na história da educação brasileira, devido à grande procura por parte de pessoas que não

punderam concluir os estudos no tempo normal. Devido às características dessa clientela, na sua maioria trabalhadores pobres, com problemas pessoais e de autoestima, é necessário investigar, debater e buscar formas de melhorar e aperfeiçoar o trabalho dos professores que atuam nessa modalidade de ensino. A procura pelas escolas por parte dos adultos não é apenas para aprender a ler e escrever, mas buscam também um espaço na sociedade onde possam ser reconhecidos como parte ativa do meio onde vivem. É muito fácil perceber nos alunos da EJA o sentimento de exclusão, rebaixamento e até humilhação, por não possuírem as habilidades de ler, escrever, interpretar, e realizar cálculos matemáticos. Apesar de todos os problemas trazidos pelos educandos, é possível reverter a triste realidade no que diz respeito à aprendizagem e fazer com que se sintam pessoas normais, capazes de transformar suas próprias vidas e a sociedade em que estão inseridos. Diante do desenvolvimento tecnológico e científico no Brasil, a educação aparece como uma das formas de elevar o nível social e intelectual de nossa população e melhorar as condições de vida dos trabalhadores que são excluídos por falta de formação acadêmica. (SILVA, 2009, p.14).

É importante ressaltarmos que, ainda com todas as recomendações previstas na lei e pela lei, ainda há muito a ser feito para que a EJA e a EAJA (no caso do município de Goiânia), seja realmente um processo sólido de educação à serviço da sociedade e na construção da cidadania. Percebemos que ainda há muita falta de materiais didáticos de apoio, cursos de formação de professores específicos para essa situação tornando-os ainda melhor preparados para atuar. São necessárias reformulações pedagógicas que, como afirma Silva (2009, p.17) “são necessárias reformulações pedagógicas que, aliás, vêm se mostrando necessárias em todo o ensino fundamental”.

A Escola Municipal Patrícia Rodrigues de Paiva, é uma das escolas das quais os alunos sujeitos deste trabalho estudam, e eu trabalho, no PPP desta escola, no ponto 4.2: Princípios da EAJA: Cidadania, Trabalho e Cultura (2017), encontramos o seguinte:

Educação escolar é base construtiva na formação do ser humano, assim como na defesa e promoção de outros direitos econômicos, sociais e culturais (Haddad, 2003). Sendo assim, a EAJA busca ampliar o acesso de adolescentes, jovens, adultos e idosos ao processo de escolarização bem como a sua permanência, além de incentivar os que ainda não são alfabetizados a iniciarem esse processo, com intuito de promover atitude social e politicamente comprometida. Por isso o eixo temático da EAJA engloba o sujeito em sua totalidade considerando a sua identidade,

cidadania, trabalho e sua cultura, sendo esses itens os seus princípios. Como a identidade é uma construção que se dá pela interação do sujeito com seus semelhantes e com o mundo, compreende-se que ela está em constante formação. Sendo assim, os alunos da EAJA são sujeitos em construção e, tem-se na escola, um espaço sociocultural em que a identidade é construída pelo ambiente de sociabilidade, em que há reflexão e alteridade. Nesse sentido, podemos dizer que o educando EAJA é entendido como sujeito, num processo dialógico com outros sujeitos da educação, dentre eles, o coletivo de professores. (PPP, 2017, p.17).

Uma das propostas para Língua Portuguesa no PPP daquela escola, é justamente o fortalecimento da voz de muitos jovens e adultos que retornam à escola, fortalecendo e rompendo os silenciamentos impostos pelos perversos processos de exclusão do próprio sistema escolar, capacitando-os a produzirem respostas aos textos que escutam e leem, pronunciando-se oralmente ou por escrito. Entretanto, o único momento em que aparece a palavra autonomia em todo o PPP, é na página 24, e da seguinte forma que deixa bastante a desejar:

Adquirindo autonomia: As crianças são incentivadas, por meio de atividades específicas, a adquirirem autonomia no que diz respeito a cumprir regras e acordos, cuidado da higiene pessoal, com os seus pertences, entre outros, tornando-se cada vez mais independentes no espaço escolar. (PPP, 2017, p.24).

Além da palavra autonomia aparecer apenas nesse momento, ela é voltada apenas para as crianças, e de forma totalmente equivocada para qualquer cidadão de qualquer idade, e apenas como uma mantenedora da ordem e do cumprimento das regras, ou seja, onde está a autonomia, então? Fazendo uso da palavra e do conceito de autonomia de forma tão rasa e equivocada, o que percebemos é uma “ferida” no que tange o real ideal de autonomia dentro de um Projeto Político Pedagógico e que foge da afirmação de Veiga (2013, p.09): a concepção de projeto político pedagógico que norteia a organização dos textos fundamenta-se na ideia de que ele é a própria essência do trabalho que a escola desenvolve no âmbito de seu contexto histórico, o que significa a singularidade de cada projeto. E continua, Veiga (2013):

O projeto político pedagógico, ao se constituir em processos democráticos de decisões, preocupa-se em instaurar uma forma de organização do trabalho pedagógico que supere os conflitos, buscando eliminar as relações competitivas, corporativas e autoritárias, rompendo com a rotina do mando impessoal e racionalizado da burocracia que permeia as relações do interior da escola, diminuindo os efeitos fragmentários da divisão do trabalho que reforça as diferenças e hierarquiza os poderes de decisão. (VEIGA, 2013, p.13).

A nossa proposta de trabalho aqui apresentada foi pensada em todos esses questionamentos acerca da Educação de Adolescentes, Jovens e Adultos, valorizando a construção do conhecimento de forma a articular o senso comum e os saberes científicos historicamente sistematizados, numa perspectiva crítica, analítica e social, pelo viés da memória, da identidade e da autonomia, fazendo do espaço escola, um lugar para o saber e a luta social e humanizadora.

Procuramos despertar uma nova forma de relação com a experiência vivida, procurando “dar ouvidos” a esses educandos que, vem sendo marginalizados das esferas sócio econômicas e educacionais, procurando inseri-los e convidá-los a fazer parte e ter acesso à cultura letrada que lhe possibilite participação mais ativa no mundo do trabalho, da política, da cultura de sua comunidade e da sociedade de forma geral.

METODOLOGIA

É sabido que, ainda hoje, há uma falha na formação literária de educandos da rede pública de ensino. Isso ainda acontece porque essa formação literária não é voltada para os ensinos fundamental e médio de forma relevante, uma vez que os professores também ainda não são orientados de forma a utilizar seus saberes universitários (sendo eles da Literatura ou não), de forma a adequar e transmitir esses saberes universitários e os saberes de formação de leitores a um público amplamente heterogêneo que, tem hoje, acesso à escola fundamental da rede pública de ensino.

As dificuldades enfrentadas se dão ainda pelo fato de que os estudantes leitores não se sentem mais estimulados pela palavra escrita e pelas imagens mentais trazidas por meio

desta. Como estimular seus saberes por meio das próprias lembranças é um caminho difícil e estimulante pelo qual os professores precisam percorrer para tentar ampliar tanto as potencialidades intelectuais, quanto estimular as vivências pessoais de seu público leitor, seus alunos.

Para coleta de dados, decidimos por uma metodologia de pesquisa qualitativa e conceitos de estudo que conversam entre si e que, juntos, enriquecem o corpo de nossa pesquisa, a saber: a metodologias de pesquisa do Grupo Focal, os conceitos de estudo da História Cultural e metodologia de pesquisa da História Oral. Essas metodologias integram, discutem e avaliam o tema proposto, sendo flexíveis e dinâmicas, podendo ser tomadas como fontes para a compreensão do passado, ao lado de documentos escritos, imagens e outros tipos de registro. Caracterizam-se por serem produzidas a partir de um estímulo, pois o pesquisador procura o entrevistado e lhe faz perguntas, geralmente depois de consumado o fato ou a conjuntura que se quer investigar.

No nosso trabalho, Grupo Focal, História Cultural e História Oral, culminam na representatividade das narrativas, discursos de memória, esquecimento e rememoração de nosso público, que são os alunos de 5ª a 8ª série da EAJA de duas escolas municipais de Goiânia.

Atualmente, a prática da leitura literária e da leitura de poesia está um pouco esquecida nas escolas. Isso ocorre devido ao pouco contato, desde os primórdios de sua formação, dos educadores de Língua Materna. Sabemos ainda que a poesia é um dos gêneros literários mais distantes da sala de aula, é preciso descobrir formas de familiarizar e de aproximar as crianças, os jovens e os adultos da poesia. E essa forma de familiarização e aproximação deve ser feita com parcimônia e através de um planejamento para evitar as várias afirmações de que os poemas são de difíceis interpretações e entendimento.

Uma forma para melhorar a aprendizagem é a aproximação constante da prosa e da poesia, como também a utilização do conhecimento prévio. O conhecimento prévio engloba o conhecimento linguístico, que abrange desde o conhecimento sobre pronunciar o português, passando pelo conhecimento de vocabulário e regras da língua, chegando até o

conhecimento sobre o uso da língua.

O conhecimento do texto, que se refere às noções e conceitos sobre o texto, e, por último, o conhecimento de mundo, que é adquirido informalmente através das experiências, do convívio numa sociedade, cuja ativação, no momento oportuno, é também essencial à compreensão de um poema. Se estes conhecimentos não forem respeitados, o entendimento e a compreensão do poema pode realmente ficar prejudicada, e assim, como foi dito anteriormente, de difícil interpretação.

Como abordar a questão da produção cultural, da arte, da literatura em jovens que, certamente, foram “criados” diante da televisão, e certamente também, se encantam pelo imediatismo? E de adultos, atrelados e amarrados firmemente ao mundo do trabalho, que conseqüentemente vêm perdendo sua identidade e sua autonomia de pensamento e de constituição como sujeito na/da história?

É certo que simplesmente mostrar aos alunos que ler, escrever e analisar leituras literárias possa ser tão prazeroso quanto qualquer outra coisa ao gosto dos adolescentes e adultos não é tarefa tão fácil assim. Foi proposto, então, encantá-los pelo prazer que a leitura incita em voos cada vez mais altos, em descobertas de mundos tão distantes e tão próximos ao mesmo tempo, a descoberta de um elo forte que nos mantém em contato permanente e num movimento circular. É isso que a arte, a literatura nos permite.

Santos (1989) afirma:

A noção de identidade, que rompe com as dicotomias entre indivíduo e sociedade, passado e presente, bem como entre ciência e prática social, está tão associada à ideia de memória como esta última à primeira. O sentido de continuidade e permanência presente em um indivíduo ou grupo social ao longo do tempo depende tanto do que é lembrado, quanto o que é lembrado depende da identidade de quem lembra. Da mesma forma que a identidade, a memória também deixou de ser pensada como um atributo estritamente individual, passando a ser considerada como parte de um processo social em que aspectos da psique se encontram interligados a determinantes sociais. A memória deixou, portanto, de ser considerada como fenômeno individual, passando a elemento constitutivo do processo de construção de identidades coletivas. (SANTOS, 1989, p.1-2).

Entendemos a literatura não só como obra escrita, pronta e acabada, mas como todo

um processo de produção que envolve o emocional e o íntimo, o crítico, os aspectos socioculturais e políticos, o cotidiano, o “lá fora”, a vida de quem faz, de quem se deixa levemente e deliciosamente ser levado por ela (e porque não?!) e de quem a toma para si (e se vê) a partir da produção de um outro que tantas vezes não o vemos, não o conhecemos, mas que carrega, assim, um pouquinho de cada um que se deixa envolver. Literatura não é apenas debruçar-se para falar de si, mas para conversar com o outro. É possível falar das asperezas da vida e do convívio, o ilogismo aparece suscitar o questionamento das aparências, e o cômico se funda sobre o inesperado e rebelde.

Esta pesquisa tem como objetivo maior observar o lugar social e cultural que a memória, a autonomia e a leitura literária — e associada a ela o processo de formação de leitores — tem ocupado na sociedade. O propósito é contribuir com a discussão sobre a leitura, para que essa atividade se constitua como uma prática mais significativa principalmente para os jovens e os adultos que não se “enquadram” mais no âmbito normal e regular de aprendizagem.

Para tanto, foram investigadas algumas práticas de leitura do gênero lírico com as poesias, analisando as condições em que elas se realizam e os determinantes sociais que as influenciam, especialmente as relativas ao universo desses leitores jovens e adultos. Colocam-se como aspectos a serem observados: a proximidade do leitor diante do texto lido; as concepções de autonomia e de sujeito social, de memória individual e coletiva; como e de que maneira que esses leitores sustentam as propostas de leitura; o diálogo entre práticas de leitura da palavra e práticas sociais e/ou culturais determinadas pela imagem; as representações e os modos de ler e depois de se escrever.

Para a nossa avaliação dos resultados do trabalho, faremos uso da análise das leituras e das escritas poéticas mediante a certificação de 30 horas a serem cumpridas para complementar sua carga horária na EAJA: de acordo com a proposta da Gerência de Educação de Jovens e Adultos (GEREJA) da Secretaria Municipal de Educação de Goiânia, acessar os saberes de experiência dos educandos. Além do Sarau de Poesia e mostra de talentos, organizado a partir das leituras e das escritas poéticas e dos vídeos de objetos de

memória, um sarau para apresentação dos trabalhos realizados.

Análise dos Dados

Diante dos desafios do dia a dia na escola e em sala de aula, nem sempre é fácil ou possível manter uma atitude crítica. Porém, quando temos essa clareza em relação a que tipos de pessoas queremos formar e que tipo de sociedade almejamos construir, ter uma postura mais crítica e trabalhar pela educação autônoma torna-se menos difícil. E como perceber se nossas ações como professores estão contribuindo para a construção da autonomia de nossos alunos? É fundamental respeitar a liberdade do outro e dar a cada uma chance de escolher, encorajando-o a pensar de modo autônomo e ativamente, deixando as curiosidades se manifestarem em sala de aula, sem medo dos questionamentos (que muitos professores acabam considerando como afrontas dos alunos). Esse é um dos grandes desafios do professor em relação à construção da própria autonomia e da de seus alunos.

Produzindo e lendo textos, a ideia é, a partir dos modelos literários analisados, os alunos produzam individualmente, na forma de poesia ou de prosa, narrativas que tratem de suas histórias, de histórias sobre sua própria família ou memórias pessoais. Mesmo uma memória pessoal marcante pode render um bom texto, os deixamos livres para optar pela forma, que pode ser prosa ou poesia. O texto pôde ser iniciado na sala de aula e finalizado em casa. Ao final do trabalho, digitamos os poemas e revelamos as fotografias, confeccionamos um móbil para exposição durante o Sarau no varal de poesias e os vídeos e fotografias apresentados no data-show.

É bem comum que o estudante adulto ou idoso tenha mais e maior resistência a novos modelos e propostas de aprendizagens, uma vez que ele espera encontrar um modelo tradicional de escola com as características das escolas de sua infância: disciplina rígida, textos copiados do quadro e cartilhas escolares, correspondendo a um modelo que conheceram no passado.

Os jovens e adolescentes, por sua vez, vêm de uma situação diferente, principalmente nas grandes cidades, pois estão retornando de um período recente de evasão ou reprovação na escola regular. Assim, são apresentados alguns desvios e conflitos em

relação às disciplinas impostas pela escola (tanto as pedagógicas quanto as comportamentais), sabendo que o grande obstáculo a se recuperar é o vínculo positivo com a escola, os professores, os colegas e os demais da comunidade escolar, se faz e se fez importante aqui, a atitude que o professor/mediador insira em seu planejamento pedagógico estratégias de trabalho que abarque esse público mais jovem em consonância com o público adulto, uma vez que temos ambos em sala de aula.

Como são os caso das escritas poéticas a seguir:

Do meu tempo de criança...

Do meu tempo de criança me lembro de muitas coisas, da casa de pau a pique que a gente morava lá na roça. A gente criava porco e galinha e plantava feijão, milho e mandioca, plantava também amendoim pra fazer paçoca.

A escola que eu estudava era também na roça, caminhava horas, depressa pra não perder a hora. Estudava e voltava pra casa antes que o dia fosse embora.

No tempo que eu estudava, o aluno respeitava o professor, não era como hoje, se tornou um agressor...pinta e borda na sala e quer sair fora de hora, no meu tempo de infância era a lei da palmatória.

Se não obedecesse todas as regras, ficava fora da escola, ajoelhado num cantinho esperando a sua hora.

Eu estudei pouco tempo, mas deu pra perceber que o estudo é importante, disso eu não vou esquecer.

Por isso eu voltei a estudar depois de envelhecer. Pra mostrar que a gente pode, basta querer!

As portas estão abertas, só depende de você!

Liduvico dos Santos Pires, 60 anos – 7ª série – E.A.J.A

Foram apresentadas escritas poéticas na perspectiva de melhora da educação e da valorização dos professores como na escrita da aluna Edinéia:

Professores

Com baixo salário
Com muita educação
Lutam pelos direitos
Que lhes escorrem pelas mãos.
Todo dia correm atrás

De uma boa compreensão
 Querem que todos entendam
 O valor da educação.
 Um profissional capacitado
 Porém abandonado
 Sendo pouco remunerado.
 Esse profissional é o professor
 Todo dia nos mostra seu devido valor.
 E que levamos para a vida com muito amor.

Edinéia Maria de Oliveira – 7ª série – E.A.J.A

Escritas poéticas que representem dor, arrependimento e saudade como em:

Um pouquinho da minha vida

Sofro muito por causa da partida da minha mãe. Ela me faz muita falta.
 Quando ela partiu, eu fiquei jogada, morando com um e com outro. Até
 minha irmã mais velha ir me buscar para ir morar com ela.
 Só assim minha vida mudou, minha irmã me tratava como uma filha.
 Eu agradeço muito à ela por ter feito o que fez por mim.

Gabriela Rodrigues – 8ª série – E.A.J.A

Escritas poéticas de fé, alegria, esperança e autoestima como:

Sou

Sou uma pessoa alegre e extrovertida, carismática e vivo a vida com muito amor.
 Ter saúde, uma casa pra morar, amigos pra conversar e compartilhar meus
 melhores momentos com eles.

Assim

Assim como a lua e o sol, como a certeza das ondas do mar se erguem. Com
 esperança e ainda assim com pó, vou me levantar.

Maria Dolores – 8ª série – E.A.J.A

As metodologias do grupo focal da História Oral e da História Cultural foram de extrema importância para o fortalecimento do vínculo entre os colegas e a professora, pois, sentados em uma roda de conversa, cada um se expõe e se apresentando sem julgamentos, apenas sendo escutados como são, relembrando suas trajetórias de vida, apresentando seus objetos de memória, se inserindo num contexto de autonomia, escolhas e sujeitos da aprendizagem, todos se aperceberam mais próximos e parecidos do que

realmente imaginaram. Isso foi de extrema importância para mediar conflitos geracionais e regionais que são os que mais vivenciamos em sala de aula.

E nós acrescentamos que o diálogo, a escuta, a roda de conversa, a rememoração, a autonomia de pensar, resolver, falar, se inserir, o que apresentar possibilitaram crescimentos que vão para além do pedagógico. Para isso, coube ao educador/mediador, promover a segurança para essa autonomia, possibilitar aos alunos perceber que podem e têm suas próprias opiniões, têm suas histórias e memórias e que elas precisavam e deveriam ser respeitadas, esse foi o passo essencial para a autonomia, a aprendizagem e o se saber cidadão.

Avaliação de autonomia

Acreditamos que uma perspectiva formativa de avaliação, pressupõe olhar cada aluna e aluno em seu próprio tempo e jeito de aprender, além de pressupor ainda, a compreensão de que nem todas as situações de sala de aula ou tarefas realizadas por eles têm por objetivo a verificação de suas aprendizagens, uma vez que o que define tal dimensão são as intenções do professor / mediador ao propor a atividade, bem como sua forma de proceder frente ao que nela observa.

Avaliamos os alunos de forma contínua no intuito de compreender a importância de suas memórias narradas oralmente e por escrito, e também se conseguiram produzir prosas coerentes e coesas, e poesias a partir de suas memórias e sentimentos múltiplos. Procuramos valorizar as histórias narradas, suas ideias de apresentação e de formatação do Sarau (deixamos bem claro aqui, que a proposta do Sarau de Poesia foi apresentada por alunas em um dos momentos das rodas de leitura), ideia que abraçaram com entusiasmo, visualizamos os aspectos criativos e formais da construção dos textos. Percebemos a valorização do diálogo como uma forma de lidar com os conflitos, especialmente os geográficos e os geracionais. Percebemos a participação deles em situações que envolviam a combinação de algumas regras de convivência em grupo e referentes ao uso do espaço e de materiais.

Verificamos os alunos exercendo a autonomia e o conhecimento, o respeito e a utilização de algumas regras elementares de convívio social e respeito e valorização da cultura de seu grupo de origem e de outros grupos. Os percebemos se percebendo como sujeitos de ação e atuação em seus espaços na comunidade escolar, nas suas casas e na comunidade externa, valorizando seus trabalhos e suas histórias de vida. Ainda em nosso processo de identificação, memória e autonomia, as alunas apresentaram e aí sim exercendo sua autonomia no espaço escolar e no uso desse espaço, a proposta de se apresentarem como leitoras de seus próprios poemas. E vamos caminhando.

REFERÊNCIAS

BONI, Marcela. **Transcrição e colaboração: mais que conceitos, uma forma de compartilhar conhecimentos**. In: NEHO-NÚCLEO DE ESTUDOS EM HISTÓRIA ORAL DA USP, agosto de 2013. <https://nehousp.wordpress.com>. Acesso em: 16/05/2017.

CANDIDO, Antônio. **Vários Escritos**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.

DRESCH, Márcia e LEBEDEFF, Tatiana Bolivar. **Memórias de leitura, subjetividades e a formação do professor leitor**. Anais do IX Encontro do CELSUL (Círculo de Estudos Linguísticos do Sul) Palhoça, SC, out. 2010 Universidade do Sul de Santa Catarina.

GERALDI, João Wanderley. *A aula como acontecimento*. In: **A aula como acontecimento**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2015.208p.

GUEDES-PINTO, Ana Lúcia. **Memórias de leitura e formação de professores**. Ana Lúcia Guedes-Pinto, Leila Cristina Borges da Silva, Geisa Genaro Gomes. – Campinas, SP: Mercado de Letras, 2008. – (Coleção Gêneros e Formação).

LAROCHE, Serge. **Marcas da identidade**. In: VIVER *Mente & Cérebro*. Especial Memória. Edição nº 2. São Paulo: Ediouro Segmento-Duetto Editorial LTDA, 2005. www.vivermentecerebro.com.br.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução: Alain François [et al.]. – Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Introdução a uma ciência pós-moderna**. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1989.

SILVA, Analeide R.dos Santos. **Práticas Pedagógicas dos Professores do 1º segmento da Educação de Jovens e Adultos-EJA**. 2009, 48p. Monografia para o Curso de Especialização em Metodologia de Ensino Fundamental à Distância do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação, CEPAE-UFG.Alexânia-GO, 27 de junho de 2009.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro (org.). **Projeto político-pedagógico da escola: Uma construção possível**. 29ª ed. Campinas, SP: Papyrus, 2013. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho pedagógico).

A construção da autonomia em sala de aula: o desafio da mudança. In: <http://educacao.faber-castell.com.br/professores/trocando-ideias/a-construcao-da-autonomia-em-sala-de-aula-o-desafio-da-mudanca/>. Acesso em: 30 de out. 2017.

ANEXOS: Algumas das escritas poéticas das alunas e dos alunos

Infância

Nós acordávamos todos os dias sendo mais passarinhos sobrevoando por cima das árvores, nós saíamos correndo para os pés de manga, os pés de frutas, saboreando cada fruta daquela. Nós passávamos lá no curral para pegar o leite pra minha mãe e íamos embora para casa, chegávamos lá e ela já estava com o café na mesa, o nosso café era arroz, carne seca, toucinho... e minha mãe perguntava se nós tínhamos comigo manga e dizíamos que não só para comer o arroz dela. Todos os dias, íamos eu e meus irmãos para o rio para lavar louças para minha mãe, nós aproveitávamos os restos de comida para pescar piabas nas panelas de comida para comermos no almoço. Todos os dias nós fazíamos isso, uma memória minha que eu guardo para sempre é essa.

Essa foto é uma lembrança que eu tenho, eu mais meus irmãos e minha irmã, nós estávamos de férias e minha prima foi lá em casa, e pedia para minha mãe e meu pai se eles deixavam a gente ir para a casa dela, era lá mesmo, perto de casa. Passávamos o dia inteiro na cachoeira e ela era muito alta, um dia meu irmão caiu no buraco e minha prima pegou um lençol e amarrou na cintura dela e deu a corda para o irmão dela, ela entrou no buraco e pegou meu irmão. Nós amávamos ir para a cachoeira...

Lorena Pacheco Lopes, 24 anos – 7ª série – EAJA

Lembranças

Guardei uma sandalhinha de bebê da minha única filha mulher. Comprei e guardei com a intenção de que para quando ela crescesse poder mostrar à ela o quão pequena ela já foi. Também guardei um macacão cor de rosa. Apesar de fazer muito tempo, ainda está guardado, talvez sirvam para a filha dela. Também tenho lembranças de meus meninos. Um paninho é sempre bom para lembrar da infância, afinal.

Marilene R. da Silva – 5ª série – EAJA

Luto

Meu coração vestiu o luto eterno porque você partiu deste mundo. Não sei como lhe dizer adeus para sempre, quando ainda tinha tantas outras coisas para dizer. Queria ter tido mais tempo para dizer, e para fazer tudo o que ainda sonhava viver ao seu lado. Agora virão os dias, os meses e os anos. O mundo continuará sua caminhada como antes, mas, para mim, nada voltará a ser igual. Sentirei sua falta todos os dias. Vá com Deus! Meu irmão, meu amigo.

Wadryan Smit Soares Ribeiro, 16 anos – 8ª série – EAJA

Arrependimento

Na minha infância aconteceram coisas que me decepcionaram muito. Fui criada sem minha mãe e fiquei um bom tempo com minha avó e com meu pai. Estudei, parei, aí desisti.

Bons tempos depois passei a morar só com meu pai. Era muito bom porque me sentia segura ao lado dele. Mas ele era alcóolatra e quando bebia me batia muito, com isso, fui ficando traumatizada. Ele queria me obrigar a fazer os deveres de casa, eu era pequena e não sabia de muita coisa, pois eu tinha apenas 06 anos.

Certa noite eu estava dormindo quando senti alguém tocar minhas partes íntimas, comecei a gritar pelo meu pai. Ele fez o que quis comigo, quando me soltou, acendi o candeeiro e vi que era ele, meu pai, fiquei até sem choro, porque não conseguia acreditar que era a pessoa que eu mais amava. Só que eu não tinha noção do que tinha acontecido comigo, saí correndo no meio da mata, gritando e chorando, mas o pior já tinha acontecido.

Certos tempos depois fiquei mocinha e me casei, formei minha família e fui morar numa cidade grande. Tempos depois recebo uma ligação de meus familiares, pedindo que eu fosse embora para ver meu pai pela última vez. Joguei meu orgulho de lado e viajei.

Chegando lá na cidade fui direto para o hospital de dei de cara com ele na cama.

Enfim, acabou que ele me pediu perdão e eu não tive capacidade de perdoar. Ele morreu e hoje eu tenho remorso dentro de mim, pois até hoje eu não sei o que é o perdão.

Poliana Lauro da Hora, anos – 7ª série – EAJA

Do meu tempo de criança...

Do meu tempo de criança me lembro de muitas coisas, da casa de pau a pique que a gente morava lá na roça. A gente criava porco e galinha e plantava feijão, milho e mandioca, plantava também amendoim pra fazer paçoca.

A escola que eu estudava era também na roça, caminhava horas, depressa pra não perder a hora. Estudava e voltava pra casa antes que o dia fosse embora.

No tempo que eu estudava, o aluno respeitava o professor, não era como hoje, se tornou um agressor...pinta e borda na sala e quer sair fora de hora, no meu tempo de infância era a lei da palmatória.

Se não obedecesse todas as regras, ficava fora da escola, ajoelhado num cantinho esperando a sua hora.

Eu estudei pouco tempo, mas deu pra perceber que o estudo é importante, disso eu não vou

esquecer.

Por isso eu voltei a estudar depois de envelhecer. Pra mostrar que a gente pode, basta querer!
As portas estão abertas, só depende de você!

Liduvico dos Santos Pires, 60 anos – 7ª série – EAJA

Quero ser eu mesma...

Quero ser eu mesma, da maneira mais natural, sem me preocupar. Porque devemos ser aquilo que queremos ser.

Loucura

Seu gosto de loucura. Me leva nas alturas. Você é minha cura. Meu cheiro, me procura!

Luzimar P. dos Santos – 6ª série – EAJA

Minha casa

Da primeira vez que vi o local onde ia construir minha casa foi amor à primeira vista!

Fui amando cada pedacinho que nós construímos.

Onde iria ser meu lar.

Onde iria criar meus filhos.

Tudo foi construído com dificuldade, mas nós conseguimos.

Hoje olho para ela e não acredito que é minha!

Não é uma casa de rico, mas é uma casa confortável, que eu e meu marido construímos com muito amor.

Onde meus filhos se sentem felizes, onde recebo as pessoas que eu gosto.

Hoje o importante de você ter uma atitude positiva diante da vida, ter o desejo de mostrar o que tem de melhor...

É isso que produz maravilhosos efeitos positivos.

Não só cria um espaço feliz para os que estão ao seu redor, como também encoraja outras pessoas a serem felizes, e agora!

O lugar para ser feliz é o nosso lar.

Que Deus nos abençoe!

Sônia da Silva Oliveira, 54 anos – 8ª série – EAJA

A minha realidade

A pessoa que aparento

Não é o cara que sou

Pois vivo em tristeza

Amargura,

E GRANDE dor.

Lourivan Santos Moreira – 8ª série – EAJA

A vida no campo

A vida no campo é menos agitada do que na cidade. No campo não há o vai e vem intenso de

peessoas, carros, ônibus e caminhões. As atividades do trabalho dependem do ritmo da natureza...

É preciso, por exemplo, esperar a época certa para plantar e para colher.

No campo, as casas não ficam juntinhas, como acontece na cidade. Elas são isoladas e geralmente cercadas de plantações ou pastos.

Imaginando

Me lembro como ficava imaginando como seria a minha gravidez sem o enxoval. Até que um dia recebi a visita de uma amiga. Começamos a conversar até que ela me perguntou se eu já tinha tudo. Eu respondi que não, porque o meu esposo estava desempregado. Na hora da pergunta o meu coração bateu forte e ela me disse: Vou te dar todo o enxoval para você.

Edna Trani – 6ª série – EAJA

Minha casa

A minha casa é simples, construímos com muito esforço, por isso, valorizo cada canto dela. Gosto muito de ficar em casa, não é a mais linda do mundo, mas é nela que me sinto segura, confortável.

Ela que me aconchega e nela que passo os dias frios e chuvosos, ela que me esquentava e protege.

Ivanete Borges – 7ª série – EAJA

Minha casa e meu refúgio

Minha casa não é grande e nem bela. Mas tenho o prazer de cuidar e ter muito zelo, não é fácil ter um lar para morar, com tantas dificuldades que temos na vida. Ela é um lugar digno de morar, foi feita com muitas dificuldades, mas há campo para melhorar um pouquinho do que é, e dali eu chego lá! Tem varanda, tem quintal, tem planta pra cuidar. As coisas não foram fáceis, construímos depois tivemos que reformar. Sempre é assim: tem começo e nunca terá fim. Mas sempre há, sempre, um lar, um refúgio para morar.

Maria José de Souza – 7ª série – EAJA

Professores

Com baixo salário
Com muita educação
Lutam pelos direitos
Que lhes escorrem pelas mãos.
Todo dia correm atrás
De uma boa compreensão
Querem que todos entendam
O valor da educação.

Um profissional capacitado
Porém abandonado
Sendo pouco remunerado.
Esse profissional é o professor
Todo dia nos mostra seu devido valor.
E que levamos para a vida com muito amor.

Edinéia Maria de Oliveira – 7ª série – EAJA

Cheguei na hora certa

Cheguei na hora certa.
Para dar alegria, para alegrar minha família.
Filha e fruto da vida e da canção que compõe a vida.
Roupinha linda, linda.
Vem de mim.
Traz a vida da vida que vem de mim.

Gabriela Esteffany Ferreira – 7ª série – EAJA

Poesia

Quando eu tinha você, tinha vida.
Quando eu tinha você, tinha folia.
Quando eu tinha você, meu mundo sorria.

Quando perdi você, acabou a alegria.
Quando perdi você, foi só agonia.
Quando perdi você, queria perder a vida.

Andriele Rodrigues – 7ª série – E.A.J.A

Sou

Sou uma pessoa alegre e extrovertida, carismática e vivo a vida com muito amor.
Ter saúde, uma casa pra morar, amigos pra conversar e compartilhar meus melhores momentos com eles.

Assim

Assim como a lua e o sol, como a certeza das ondas do mar se erguem. Com esperança e ainda assim com pó, vou me levantar.

Maria Dolores – 8ª série – EAJA

Minha história

Num lindo dia estava em casa e chegou uma moça perguntando se eu queria cuidar de seu

filho, fiquei na dúvida, por causa de meu marido e fiquei de conversar com ele, que concordou. Acertamos os detalhes e a criança já ficou. O Gabriel tinha três meses, era lindo, bonzinho e meio doentinho. No final do dia a moça não veio busca-lo no horário combinado, e pensei que ela tinha tido problemas no seu trabalho.

Nos dias seguintes ela também não apareceu, e eu não me preocupei muito porque a moça parecia querer muito a criança. Os dias foram passando, meu amor aumentando e meu marido aos poucos foi se apegando.

Depois de um ano tivemos notícias dela por uma vizinha. Eu só tinha 19 anos e registramos o Gabriel, criamos como nosso filho, já se passaram 25 anos e ela nada de voltar. Que bom!

O Gabriel se tornou um homem de valor, me deu dois netos lindos, só tenho a agradecer a Deus pelo presente que bateu na minha porta.

Pois o Gabriel é tudo na minha vida. Que Deus nos abençoe sempre! Contar essa história me dá orgulho e alegria. Obrigada meu Deus.

Que o nosso amor nos leve a um encanto que ultrapasse tempo, espaço e penetre na eternidade.

Amém.

Dinaci C. Alves – 7ª série – EAJA

Sem muitas palavras e com frases bem pequenas. Vou lendo e relendo e transformo em poema. Eu fiz o possível!

Letícia Siqueira de Jesus – 8ª série – EAJA

Um pouquinho da minha vida

Sofro muito por causa da partida da minha mãe. Ela me faz muita falta.

Quando ela partiu, eu fiquei jogada, morando com um e com outro. Até minha irmã mais velha ir me buscar para ir morar com ela.

Só assim minha vida mudou, minha irmã me tratava como uma filha.

Eu agradeço muito à ela por ter feito o que fez por mim.

Gabriela Rodrigues – 8ª série – EAJA

Luiza Nolasco

Eu sou uma mulher alegre

Por ter minha família, se não fossem eles

Não saberia como fazer.

A minha vida é cheia de emoções.

Já passei altos e baixos como todo mundo passa.

Altas emoções com filhos e netos.

Meus momentos prediletos são as alegrias.

Tudo o que eu queria ver é a paz e o amor brilhando na família

E tive tristeza também, quando veio a morte de meu bem.

Hoje em dia tenho muita alegria.

Tanta que chega a dar mania!
E os problemas vêm então, transformando minha vida numa confusão.
Eu tenho muita emoção. Quando tem alegria no meu coração.
Altas emoções com filhos e netos,
Todos eles são meus prediletos.
E tive tristeza também,
Quando veio a morte de meu bem.
Meus momentos incorretos,
Quando perdi meu predileto.

Luiza Nolasco Ribeiro – 7ª série – EAJA

Lugar perfeito

Um lugar perfeito para mim, seria a casa de meu pai, pois lá era meu porto seguro, onde eu me encontro distante. Lá tem o meu pai, a minha mãe. Antes eu era feliz e não sabia, achava que conquistar a minha independência seria algo tão fácil, mas me enganei. Pois saí da minha casa aos dez anos de idade, deixando o meu lar, o meu porto seguro. Quando deixei tudo para trás, os meus pais, os meus sonhos de criança, o amor da minha família.

O amor da família é algo inexplicável, pois quando nos permitimos ser amados, todo lugar se torna perfeito, quando deixamos o amor nos tocar, tudo se torna perfeito, pode o mundo estar desmoronando. Lugar perfeito é o lar da gente, rodeado das pessoas queridas e amadas. não dá para preencher o amor com qualquer tipo de sentimento.

Resumindo, lugar perfeito é o meu lar aonde eu me sinto muito feliz, pois estou ao lado de pessoas que eu amo muito e eu só tenho a agradecer à minha família.

Rosângela P. dos Santos – 7ª série – EAJA